

## ANDREA BROWN

## **ARQUITETURAS DEFASADAS**

## POR MARIO GIOIA

Em Arcádia, Andrea Brown desdobra com habilidade questões do seu tridimensional, e uma delas bastante decisiva na individual é a aproximação com o desenho, visto num âmbito mais expandido. Por isso, acredito que os "desenhos estruturais", como chamo a série Todo desejo é uma construção de paisagem, condensem e sintetizem esse novo momento da produção da artista carioca, cuja mostra marca o florescer da C. Galeria.

Feitos em acrílica e grafite e recortados sobre papel, a série Todo desejo é uma construção de paisagem embaralha as especificidades originais do desenho, da colagem, do objeto e da pintura. O empilhamento a entrelaçar volumes e planos geométricos indica uma ordem, uma vontade de contenção, mas, ao mesmo tempo, virtualmente há um movimento que rompe as extremidades do quadro e joga a composição a criar um novo corpo, maior, talvez sempre em expansão, e que, assim, coloca em xeque noções mais fixas de tempo e espaço.

Nesse sentido, tais desenhos ficam mais próximos de tridimensionais-chave na obra de Brown, como Até nunca mais por enquanto (2008), que consegue conjugar numa mesma peça Tátlin, Tenreiro e os Ninhos de Oiticica, e que parece um tipo de construtivo tropical, com a organicidade da madeira e da palha da índia sensibilizando e 'amolecendo' postulados e um ideário que poderiam ser racionais em excesso. Ao mesmo tempo, a configuração algo severa de Todo desejo deixa de lado elementos anteriores da produção da artista que flertavam com a imagética popular, como variadas pinturas de padrões esmerados e Relevos domésticos (2008, outra série de objetos híbridos), transpareciam.



A noção de abrigo também se faz relevante no discurso de Brown. Até pelos títulos, percebemos como o lar, a casa, são centrais na poética da artista. Desvinculemos as ligações do doméstico com o feminino que poderiam ser formuladas, e pensemos mais em lugar como esse conceito trabalhado paulatinamente e com persistência. Frente à uma sociedade da imagem da imagem, da hipercirculação maximizada de quase tudo que pudermos pensar e da liquefação de valores, procedimentos e abordagens anteriormente mais robustos, qual o papel do particular, do específico, do autoral, do identitário? "Será que o corpo ainda faz limite e consente instaurar limites sem os quais o espaço urbano não é vivido e vivível como um 'ambiente sob tensão'? (...) A existência de um lugar que se distingue do não lugar no sentido dos hubs e dos nodes da cidade virtual é a condição inicial de uma experiência urbana"1, destaca Olivier Mongin, um dos teóricos fundamentais a escrever sobre a nova urbe.

No entanto, esse lugar intimista revela curto-circuitos entre diversas condições, como o ordenado e o descontrolado, o contido e o informe, o concreto e o idealizado, o terreno e o onírico. Isso pode ser visto em peças como Hiato, um tipo de corte arquitetônico que desconstroi um descanso harmônico, com colunas estruturais que flutuam, escadas que levam a lugar algum, ascensões e descidas de rumos e destinos imprecisos, sustentações tibias. Tal dissenso também se faz presente em Um olho vê, o outro sente, uma evolução da série anterior Contos (2011), e que também se configura agora em um trabalho que coaduna características de distintas linguagens e que esgarça o dado modular que, aprioristicamente, poderia resultar no tom predominante do objeto.

E Relato de uma negociação ajuda a reforçar outro atributo da obra de Brown, a impossibilidade. Se em tridimensionais como Nós dois (2008) e Xipófagas (2006) o impedimento era escultoricamente articulado, no novo trabalho o obstar é mais fragmentado. Há novamente escadas sem terminações definidas, janelas-campos cerrados, planos e projeções sem contiguidades nem funções, superficies não cumpridas. Marcada pela incompletação, a Arcádia contemporânea de Andrea Brown, portanto, é mais cinzenta e menos luminar.

<sup>1.</sup> MONGIN, Olivier. A Condição Urbana. São Paulo, Estação Liberdade, 2009, p. 240 e 241